

## Editorial nº 3: Pandemia e Revolução

Chegamos ao terceiro número de nossa **Revista Fim do Mundo** em meio à uma das mais profundas crises da história moderna. A conjunção de uma profunda crise econômica estrutural do capital, que se arrasta desde a década de 1970, entranhada pela impossibilidade ambiental da permanente expansão da produção, agora se expressa em uma interminável crise sanitária. Chegamos ao limite final do projeto civilizatório da revolução burguesa?

As reações das classes proprietárias são explícitas no caminho de uma profunda regressão civilizacional. O fortalecimento de governos de cunho mais autoritário, o golpismo, a segregação, o negacionismo e o obscurantismo já estavam na ordem do dia antes da pandemia assolar o planeta. A COVID-19 colocou em xeque toda estrutura social forjada no último meio século e acelerou o aprofundamento desta conjunção de crises.

Na América Latina, com seu sistema de saúde precário, a vida de milhares de pessoas foi desprezada, pois a pandemia não foi enfrentada radicalmente, o que caracterizará um real genocídio, seja pela precariedade dos meios de enfrenta-la, seja pelo desleixo ou assalto aos fundos emergenciais à disposição das autoridades sanitárias, seja pelo intencional e criminoso negacionismo e alardeamento de teorias conspiratórias, assim como o uso da mentira pública como política oficial, a confundir a massa desinformada e manipulada. Assim, a COVID19 seria não mais que uma "gripezinha", e caso ocorra um grave problema social, a culpa seria dos chineses que criaram o vírus para implantar o comunismo no planeta.



No Brasil, a pandemia é um elemento agravante daquilo que chamamos de revolução na contrarrevolução em processo, que promove o assalto final do neoliberalismo aos fundamentos da nacionalidade. A destruição metódica e sistemática da nação se vê incrivelmente acelerada e aprofundada com os desdobramentos da catástrofe sanitária. A ascensão da ultradireita ao poder por meios democráticos - para além das graves violações das regras democráticas - reconstituiu um novo bloco de poder, os porões da ditadura guiados pela casta militar, que inunda o executivo com sua presença múltipla em todos os níveis institucionais de poder. Neste momento, ao ser trazido para o aconchego do Centrão, o fim da Nova República reconstrói o bloco político da ditadura, a velha Arena e os militares voltaram às rédeas da nação. Este fato confere extrema gravidade aos rumos e dinâmica da catástrofe nacional.

Por fim, é importante notar que o negacionismo não atentou apenas contra a vida dos povos dos países historicamente submetidos à pobreza e à miséria. Na Inglaterra e nos EUA, os dois últimos impérios do capitalismo, as consequências foram igualmente desastrosas. É neste sentido que os múltiplos aspectos da pandemia orientaram a publicação desta edição de nossa revista. Os artigos deste número 3 da Revista Fim do Mundo nos brindam com textos que articulam uma discussão da pandemia com diversos aspectos da crise estrutural atual.

O primeiro artigo, de Adilson Gennari, trata da questão da crise estrutural do capital na trágica realidade conjuntural brasileira. Situa tudo isso no processo de grandes transformações estruturais que vem passando o processo de desenvolvimento das forças produtivas globais iluminado pelos "Grundrisse" de Marx. Já o segundo artigo, de autoria de Caio Chiariello, apresenta uma discussão da relação da realidade conjuntural brasileira à luz



da obra distópica “1984” de George Orwell, propondo uma discussão das similaridades da crise brasileira e seus elementos distópicos presentes.

O artigo de Lael de Souza nos traz uma interessante análise do agravamento das desigualdades sociais, de classe, de raça e etnia, ressaltando a necessidade premente de retomar os movimentos de massa com caráter revolucionário. Por sua vez, o artigo de Alessandro de Moura discute a crise e a pandemia, desta vez destacando os processos de crise econômica desde a década de 1970, passando pela crise financeira de 2008 e ressaltando aspectos que relacionam de algum modo a atual pandemia com a crise ambiental em curso.

No trabalho de Daniel Freitas e André Gaio, temos o aprofundamento da discussão de crise e pandemia, agora com destaque para os processos de controle social e fechamento do regime político através de atos normativos recorrentes do atual governo. Em uma perspectiva semelhante, o artigo de Felipe Fernandes desenvolve uma reflexão sobre o acirramento das contradições do capitalismo, com uma interessante discussão sobre os processos de guerra. Desse modo, o autor percorre as possibilidades de guerra entre as classes e a necessidade de uma reação inovadora das classes oprimidas.

O trabalho de Aline Miglioli apresenta uma interessante reflexão acerca dos processos de combate à pandemia tomando como exemplo este enfrentamento numa realidade socialista, no caso, a realidade cubana, destacando que o socialismo é mais adequado para a superação da doença na medida em que além da presença do Estado, também existem elementos sociais ancorados na solidariedade social. Por sua vez, Júlio Gambina discute todo esse processo de crise estrutural do capital na particularidade



argentina. Será que a crise cria as condições objetivas para a mudança social? Este artigo procurará ajudar a refletirmos sobre esta questão.

Ao mesmo tempo em que a crise estrutural do capital se explicita, há uma tendência à explosão de conflitos em diversas partes do mundo. Neste sentido, o trabalho de Alexander Buzgalin nos brinda uma interpretação profunda sobre a complexa realidade das manifestações que se estabeleceram recentemente na Bielo-Rússia, a partir de um olhar do país vizinho, a Rússia.

Por fim, o artigo coletivo de Mariana Tango, Lucimeire Pessoa, Ivaneli Schreinert *et al*, destaca a importância da universidade e sua humanização para o diálogo com a comunidade no sentido de se buscar a melhoria da qualidade de vida neste complexo contexto pandêmico, fazendo um estudo de caso da Universidade de São Paulo.

Após todos esses trabalhos primorosos, a Revista Fim do Mundo n. 3 inaugura uma seção de “texto para discussão”. A ideia é publicar textos, não necessariamente alinhados com o eixo editorial da revista com o intuito de provocar o debate. Espera-se que os textos aqui publicados gerem reações que possamos publicar nos números subsequentes. É nesse sentido que ora publicamos o trabalho de Marcelo Micke Doti que busca uma reflexão da questão cultural e, neste campo, uma crítica ao materialismo histórico. Terá Doti obtido êxito em sua empreitada? Fica o desafio para o debate.

A Revista Fim do Mundo n. 3 conta, também, com uma seção dedicada a “ensaios críticos”, onde publicamos reflexões com conteúdo crítico e em formato um pouco mais reduzido em tamanho formal, mas não menos profundos do que os artigos propriamente ditos. Aqui publicamos o trabalho de José Leyva que destaca a questão do medo, a situação da arte e da cultura, a informação e desinformação e a pobreza, referenciado em



publicações, depoimentos e pensamentos de personalidades do México e de outras partes do mundo. O ensaio de Emerson Freire apresenta uma breve reflexão do que se pode esperar de uma tecnociência cada vez mais despolitizada para o enfrentamento dos grandes desafios da pós-pandemia. O ensaio de Juan Carlos Pinto Quintanilla faz uma visita à particularidade boliviana em seu complexo processo de eleições de 2020 no ambiente marcado pelo golpe. Paulo Alves de Lima Filho complementa esta seção levantando questões sobre o processo brasileiro da contrarrevolução e resgata a discussão sobre a necessidade de uma revolução democrática para a transformação social.

Na seção de resenhas, apresentamos as resenhas dos livros “A educação profissional ao longo do processo de industrialização no Brasil” de Darlan Gomes, escrita por Sueli Batista, e a resenha do livro “Que país é este?”, de autoria de Affonso Romano de Sant’Anna, elaborada por Maria Heloísa Dias. Para a já tradicional seção de entrevistas, contamos com a entrevista da antropóloga Carmem Junqueira e do historiador e economista Wilson Barbosa do Nascimento.

Por fim, na seção “Memorial” apresentamos dois textos que prestam homenagem à dois importantes personagens da história brasileira que contribuíram enormemente com a construção de uma perspectiva democrática para o país através da arte, e que foram direta ou indiretamente levados pela pandemia de Coronavírus. Carlos Cordovano Vieira apresenta uma reflexão sobre a vida e obra do artista Sérgio Ricardo e Sira Milani apresenta a vida e obra do maestro brasileiro Martinho Lutero.

É, pois, com grande satisfação que publicamos este riquíssimo número 3 da Revista Fim do Mundo com os votos de uma boa leitura e reflexão sobre este difícil momento histórico onde, se não bastasse a crise



estrutural do capital, ainda somos acossados com uma pandemia que nos coloca a mercê de uma invisível e mortífera criatura viral cuja solução e encaminhamentos possíveis nos deixa a mercê também das corporações capitalistas da área de tecnologia biológica, cujo objetivo financeiro tem primazia frente às necessidades de manutenção da vida de toda a espécie humana. Isto porque, a vacina é uma mercadoria e sendo assim tem o valor de troca prioritário em relação ao valor de uso, ou trocando em miúdos, tem no lucro com a produção da vacina a prioridade em relação ao valor de uso, ou seja, a cura dos seres humanos. Nesta miserável barbárie teremos que superar essa pandemia e quiçá, em futuro não muito distante, a própria relação perversa de dominação social do capital.

Boa leitura a todos.

Outubro de 2020.

*Equipe editorial do Dossiê Temático*

Adilson Marques Gennari

Newton Ferreira da Silva

Paulo Alves de Lima Filho

